

DISCURSOS SOBRE BIBLIOTECA NO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

Regina Oliveira de Almeida
Bibliotecária-documentalista - UNIRIO
Doutora em Educação
regginna@gmail.com

Artigo recebido em: 06/07/16 Aceito em: 09/08/16

Resumo

Tem por objetivo apresentar os resultados do uso de bibliotecas pelos graduandos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, no período de 2012-2014, no Programa Ciência sem Fronteira. Foi utilizado um questionário on-line através do recurso de formulários do *Google Drive*, e realizada uma análise quali-quantitativa dos resultados estatísticos. Apesar do uso dos recursos oferecidos pelas bibliotecas ter sido avaliado como importante pela maioria dos participantes, esta vivência não é registrada nos relatórios entregues ao final dos estágios para as instituições brasileiras, o que justifica a importância de investigar o que foi experimentado e que possa servir de subsídios para implementar as ações de letramento informacional nas bibliotecas universitárias brasileiras.

Palavras-chave: Letramento informacional. Competência em informação. Biblioteca universitária. Programa Ciência sem Fronteiras. Estudos de uso.

1 DA TEMÁTICA

Em uma tentativa de dar conta da pluralidade aparente sobre a utilização e fins das bibliotecas universitárias, o termo “discurso” aparece no plural, mesmo sendo contingenciado em um programa específico. Afinal, os estagiários do programa vivenciaram distintas realidades, pois foram para diferentes instituições, continentes e culturas. O termo no plural também oferece a possibilidade de se adotar diferentes perspectivas sobre a leitura que se faz da importância das bibliotecas no que se denominou “sociedade da informação”, e, mais

particularmente, a biblioteca universitária e seu papel no campo do conhecimento.

Em tese de doutorado sobre a questão do letramento informacional (ALMEIDA, 2015), foi observada a relação entre os discursos dos bibliotecários e professores de Biblioteconomia envolvidos na amostra utilizada para a pesquisa e o uso dos *slogans*. Estes, em alguns momentos, podiam até ser expressos como bordões¹, visíveis na associação naturalizada do bibliotecário como educador e na mediação da informação pelo bibliotecário. Poderiam, em uma perspectiva de leitura mais tecnicista, ser confundidos com os clichês da área como

¹Entendendo bordão, como o comumente utilizado no meio artístico e publicitário: uma expressão

repetida por alguém, ou algo, sempre em uma determinada situação.

os ligados, por exemplo, à atividade de *disseminação da informação*.

Apesar de “aparecerem” como clichês nos dados da pesquisa realizada, foram reconhecidos como elementos fundantes do perfil educativo do bibliotecário, de seu papel como mediador e devem ser considerados nesta análise, pois um traço característico do *slogan* é que ele não é, necessariamente, mentiroso, porém, é muito conciso e prescreve e afirma na sua síntese, impedindo a análise das muitas possibilidades de seu significado. A adesão que os *slogans* provocam e o impacto que produzem pode impedir o pensamento reflexivo sobre, afinal, o que os temas e ações que representam são, de fato, significativas e “reais”, pois como “diz” um *slogan* conhecido em muitas profissões, “a teoria é uma, a prática é outra”.

Expressões, como as citadas abaixo, emergiram dos discursos coletados como *slogans*, que receberam destaque entre parênteses:

O letramento informacional pode favorecer o aprender a aprender. (aprender a aprender)

O letramento informacional é o processo de aprendizagem que vai torná-lo expert [...] [em] tomar decisões. (tomada de decisão)

[...] isso já é próprio da profissão, principalmente se pensarmos nas bibliotecas escolares [...] a função pedagógica é evidente. (bibliotecário-educador)

Como mediador informacional e educacional, o bibliotecário faz a diferença para a sociedade, contribuindo para o pleno desenvolvimento e felicidade das pessoas. (mediação da informação, bibliotecário-educador)

[...], parte da competência informacional do bibliotecário refere-se à sua capacidade de mediar o aprendizado de outras pessoas, no sentido de torná-las competentes em informação, despertando-as para o Universo e Cultura da Informação. (bibliotecário-educador)

Bibliotecas: espaços de mediação do conhecimento. (mediação da informação)

[...] precisamos criar uma cultura educacional que possibilite as pessoas transformarem informação em conhecimento, de forma reflexiva e autônoma. (autonomia na aprendizagem)

O uso dessas pequenas frases feitas, os *slogans*, também chamados de retórica abreviada ou sumária, têm, segundo Reboul (1984 apud MAZZOTTI, 2011) uma função de expressar um pensamento pronto, anônimo, não questionável de defesa de uma causa. O *slogan* é polissêmico, “[...] para alcançar a maioria, e cada qual seleciona os significados que considera pertinentes. Assim se faz um grande acordo sem que se analise o que se diz [...] não pode ser contestado, é fechado em si mesmo [...]” (MAZZOTTI, 2011, p. 8).

Expressões como *o bibliotecário é o mediador da informação* (de toda e qualquer? Possui um saber genérico que o habilita a intermediar qualquer informação?) ou *o bibliotecário já é um educador pela sua função de mediador da informação*, que tem como objetivo promover a *autonomia do usuário nos processos de aprendizagem: o aprender a aprender*, colaborando para a *tomada de decisão eficaz e a formação para a educação cidadã*, ou no dizer de uma bibliotecária participante da amostra, bem representativo desse conjunto expressivo de *slogans*:

Resumindo, podemos dizer que o bibliotecário é um canal de disseminação da informação e suas funções são: gerenciar a informação, melhorar a comunicação com o usuário e atuar como coprodutor do conhecimento científico. No papel de educador, o bibliotecário atua como professor, pois fornece informações e prepara os usuários para buscá-las de forma autônoma.

Não é que não se reconheça que na sociedade da informação (um *slogan*), ou melhor dizendo, na contemporaneidade, pretenda-se que o ato de aprender tenha que se tornar (ou já se tornou para muitos) uma atividade cotidiana permanente, com as competências e habilidades adquiridas pelas pessoas constituindo um capital importante para tentar ser bem sucedido nas instâncias da vida como um todo. Aprender e reaprender nos ampliados espaços educativos pode não ter a força e a brevidade suficientes para produzir um *slogan*, mas são questões encontradas nos discursos da pesquisa.

Mediar o acesso ao estoque e fontes de informação e colaborar, incisivamente, em processo de coautoria na aprendizagem para o letramento informacional, funções atualizadas das bibliotecas universitárias, dialogam com os *slogans* estabelecidos na área da Biblioteconomia. É neste contexto que se pretende introduzir algumas relações entre os discursos colhidos dos alunos de graduação que participaram do Programa Ciência sem Fronteiras e os *slogans* reconhecidos na área de Biblioteconomia, um diálogo que possa tentar, pela análise crítica do discurso, não exatamente ultrapassar, mas evidenciar os jogos discursivos experimentados. (BARRETO, 2009).

2 VOZES DOS ESTAGIÁRIOS E SLOGANS

Como se sabe, as bibliotecas universitárias possuem a missão de apoiar o ensino, a pesquisa e a extensão, sendo responsáveis pela socialização da produção acadêmica das instituições de que fazem parte. Com o papel de mediadora entre a informação disponível e a comunidade universitária, a biblioteca contribui para o crescimento e desenvolvimento científico. Nos tempos atuais, com a massificação das tecnologias de informação e comunicação (TIC), essa missão não se alterou na sua essência, mas

sofreu, dinamicamente, transformações. Neste contexto, se tornou fundamental à comunidade de usuários das bibliotecas aprender a usar da melhor forma possível as TIC e as fontes de informação por elas disponibilizadas na realização de suas atividades e tarefas.

A biblioteca universitária investiu tradicionalmente no treinamento no uso de recursos e ferramentas quanto à educação do usuário, mas a maioria dos estudantes universitários não tem a cultura de pesquisa e não explora o potencial de recursos que a biblioteca pode vir a lhes oferecer. Há relatos na literatura de maior autonomia dos estudantes em universidades estrangeiras, com participação mais dinâmica das bibliotecas nos currículos desenvolvidos e no processo de aprendizagem individual de seus usuários (BACH, ESTEVAO, 2013; VIRKUS 2013).

Este contexto de aprendizagem é, atualmente, conhecido como letramento informacional ou competência em informação, entre outras variações: aprendizado necessário para lidar com a quantidade de informação disponível em todas as áreas do conhecimento, incluindo questões políticas e sociais, ampliando, portanto, a educação de usuários (CAMPELLO, 2009; GASQUE, 2010). Essas questões remetem a como reconhecer a diferença entre informação científica, tecnológica e especializada de outros tipos de informação, criando a necessidade de se estabelecer critérios para avaliar se a informação é adequada à pesquisa ou trabalho a ser realizado.

Este cenário também comporta outro elemento discursivo, o da inovação, que, no campo da economia atualmente, tem sido entendida como a força geratriz de prosperidade a sobrevivência das organizações no regime produtivo da concorrência, “[...] a inovação é um processo e, como tal, possui elementos essenciais, como: a transmissão da informação, geração de conhecimento e a

aprendizagem. Esses elementos são considerados a matéria-prima do modo de produção nos dias de hoje”. (ZATTAR, 2011, p. 13-14). No âmbito educacional, um dos indicadores considerados como inovação é o ensino com pesquisa na graduação, que implica em considerar docentes e discentes como pesquisadores e produtores de seus conhecimentos. (RODRIGUES, 2011). Considera-se inovação no contexto proposto por Cobo (2013), no qual, este avalia as “competências para a inovação” como o desenvolvimento de competências interpessoais que envolvem a criatividade, adaptabilidade e habilidades empreendedoras e multidisciplinares, em um ambiente social de mudanças tecnológicas intensivas e tendo a aprendizagem permanente como objetivo.

Tendo em vista esse ambiente de permanente mudança tecnológica, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) acredita que o acesso universal à educação de alta qualidade é a chave para a construção da paz, do desenvolvimento social e econômico sustentável, e do diálogo intercultural, e desenvolveu, inclusive, um programa denominado *Media and Information Literacy* ou “Alfabetização Midiática e Informacional” (WILSON, 2013). É nesse cenário que se deve observar e analisar o surgimento do Programa Ciência sem Fronteiras, que

[...] busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. A iniciativa é fruto de esforço conjunto dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por meio de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e Capes –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC. [...] de forma que alunos de graduação e pós-graduação façam estágio no exterior

com a finalidade de manter contato com sistemas educacionais competitivos em relação à tecnologia e inovação. (CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS, [2012?]).

Como a competência em informação é habilidade requisitada durante toda a formação acadêmica, e a biblioteca universitária tem conduzido, no Brasil, a discussão sobre a sua implementação, foi conduzida uma investigação sobre a utilização das bibliotecas pelos egressos do Programa Ciência sem Fronteiras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em relação à sua capacitação informacional. A UNIRIO participa desta modalidade de mobilidade acadêmica, desde 2012. Com isso, pretendeu-se buscar subsídios para desenvolver metodologias nas bibliotecas setoriais da área de saúde, e em outras do Sistema de Bibliotecas da UNIRIO, que possam ampliar e qualificar o atendimento de referência e capacitação de seus usuários.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS

O total de alunos enviados ao programa foi de 292. Em dados consolidados pela Pró-Reitoria de Graduação da instituição, o perfil de alunos participantes foi, em relação ao gênero, de predominância feminina: 58% de mulheres. Os EUA, seguido pela Inglaterra, foram os países que mais receberam alunos da UNIRIO. Os cursos de Medicina, Biomedicina e Ciências Biológicas, mantendo a proporção de gênero estabelecida para a totalidade, foram os cursos mais representativos, porém, deve-se ressaltar que seria o esperado, já que a área de saúde foi uma das prioritárias estabelecidas pelo programa. O curso Sistemas de Informação também foi bem representado e, juntamente, com os cursos de Matemática e Música, os únicos com predominância masculina.

Na comparação com outras instituições universitárias públicas e privadas, a UNIRIO ficou no 6º lugar em número de alunos participantes, e sobe para a 5ª posição, ao considerar apenas as instituições públicas. Participação, gradativamente crescente, desde o início, no ano de 2012, até o ano de 2014, enquanto se manteve o programa sem os cortes orçamentários iniciados em 2015.

A metodologia estabelecida na investigação consistiu no envio de questionários on-line, (o sistema escolhido foi o *Google Drive* através do recurso de formulários on-line), que garantiam o anonimato dos participantes. O tratamento estatístico inicial pode ser realizado com as ferramentas disponíveis no próprio sistema. Do total de 292 alunos enviados ao programa, 26 não tinham e-mail cadastrado, portanto, o questionário foi enviado para 262, com retorno de 38 respostas, representando 14,5% do total.

O questionário foi constituído por questões abertas e de múltipla escolha, que permitissem ao usuário opinar e também sugerir mudanças. Quanto às questões,

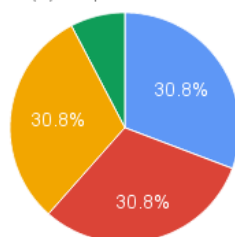
foram abordadas: a frequência semanal à biblioteca, seu horário de funcionamento, percepção de sua utilização em relação ao crescimento de aprendizagem, avaliação das características físicas e dos serviços oferecidos, a existência de curso ou atividade na área de competência ou letramento informacional (como por exemplo, cursos para capacitação no uso de bases de dados, de estratégias de busca, de pesquisa científica, de normalização de trabalhos etc.), a participação nestes cursos, nível de convivência com os bibliotecários, comparação com as bibliotecas frequentadas nas instituições brasileiras e se a utilização da biblioteca é citada no relatório de atividades que o aluno participante tem que apresentar no seu retorno.

4 RESULTADOS DESTACADOS

Em relação à frequência semanal, a proporção ficou igual entre os que frequentaram duas vezes, três vezes e diariamente a biblioteca, conforme demonstrado na Figura 1.

Figura 1 - Frequência semanal

Qual era sua frequência semanal na(s) biblioteca(s) frequentadas?

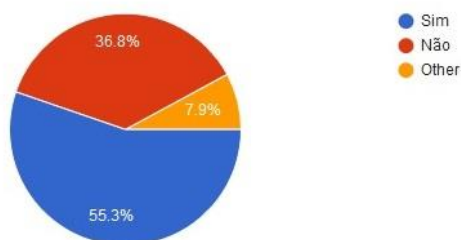


Fonte: Elaboração da autora.

Sobre o oferecimento de algum programa e/ou curso e/ou disciplina e/ou treinamento de *information literacy*, também denominado de competência ou letramento informacional, a resposta foi

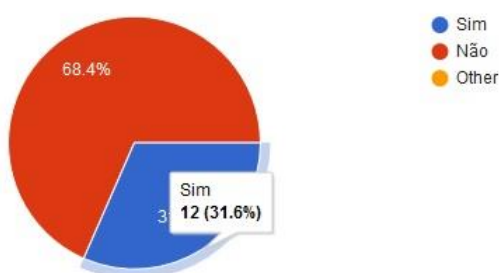
positiva em 55,3% (ver Figura 2), e quanto à participação nestas atividades, 31,6% do total de alunos afirmaram ter realizado alguma atividade na área, conforme pode ser observado na Figura 3 abaixo.

Figura 2 - Atividades de letramento informacional



Fonte: Elaboração da autora.

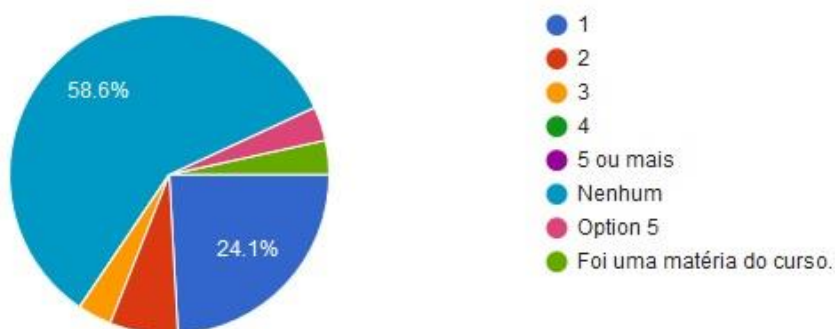
Figura 3 - Participação em atividades de letramento informacional (LI)



Fonte: Elaboração da autora.

Entretanto, desse total de participação, a maioria desenvolveu apenas uma atividade na área de letramento informacional, como expõe a Figura 4 seguinte:

Figura 4 - Frequência de participação em atividades de LI



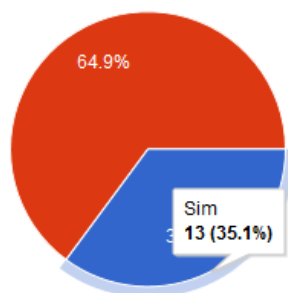
Fonte: Elaboração da autora.

Mesmo com a maioria tendo realizado apenas uma atividade de letramento informacional, 69,4% afirmaram que esta atividade foi importante para lhes ajudar na prática de suas pesquisas. Em relação às bibliotecas normalmente frequentadas no

Brasil, os participantes destacaram na comparação com as utilizadas durante o estágio no “Ciência sem Fronteiras”: o espaço adequado, a qualidade da Internet, a diversidade de serviços oferecidos, os horários e dias de funcionamento. Ainda

assim, apenas 35,1% citou os serviços (Figura 5), e mesmo, a frequência em alguma biblioteca no relatório de atividades que entregaram no seu retorno ao Brasil.

Figura 5 - Inserção da biblioteca no relatório final



Fonte: Elaboração da autora.

Talvez que se possa interpretar, sugerir, intuir o silêncio significativo da metade como concordante entre os que alçaram as suas vozes. Vejamos: o conforto, a grade de horários maior (as bibliotecas funcionam em algum momento de sábado, e, às vezes, domingo), a boa qualidade do wi fi e internet, as ferramentas disponíveis para os usuários (como, por exemplo, copiadoras, impressoras, escâners etc.) e em quantidade adequada, o silêncio e a climatização, foram itens enfatizados pelos que responderam, como alguns dos excertos seguintes demonstram, e sintetizado de forma eloquente pela última fala:

Bibliotecas 24 horas com máquinas para a retirada de livros em momentos que a bibliotecária não estava presente;

Espaço para impressões, com várias impressoras disponíveis. Acesso a vários computadores e grande variedade de livros, além de tomadas em todas as bancadas de estudo;

Extremamente silenciosas, limpas e com diversos serviços de comodidade, como banheiros, cafés e impressoras, máquinas de scanner, e de cópias aos montes;

A biblioteca principal da minha universidade nos ciências sem fronteiras tinha 4 andares, milhões de livros (literalmente) à disposição dos alunos (que recebiam login e senha individuais no primeiro dia na universidade), acesso ilimitados a qualquer tipo de artigo acadêmico, pessoas que nos auxiliavam com os equipamentos, scanner grátis, impressão paga, salas de gravação de áudio e vídeo, impressoras de pôster, também podíamos emprestar vídeos e equipamentos de fotografia. Funcionava todos os dias das 7 as 21h. Conheci outras três bibliotecas menores, mas que ofereciam os mesmo serviços em menor escala no meu campus 24h!!!!!!

Não foi apenas a infraestrutura encontrada que estimulou as respostas, mas a que também se referia aos recursos humanos, exemplificada nas falas seguintes:

Recepção na primeira vez (as bibliotecas contavam com funcionários contratados para mostrarem ao aluno ou visitante não só o espaço, mas tirarem dúvidas e ensinarem o público a encontrar o que precisavam). Diversidade de serviços oferecidos (uma das facilidades era a de um profissional que auxiliava alunos estrangeiros com a escrita científica);

O acolhimento é um importante motivante (sic) para se estabelecer o vínculo com qualquer estabelecimento. Todos foram acolhedores;

A cordialidade do atendimento, o auxílio a busca visto que a princípio eu não dominava bem a língua estrangeira;

A disponibilidade da bibliotecária;

É, então, que na experiência vivida com a infraestrutura e acolhimento vivenciado nas bibliotecas estrangeiras e as nacionais que se evidenciam a tensão comparativa resultante, na qual não faltam elementos negativos de discordância pela insuficiência, e muitas vezes, ausência dos recursos experimentados, que podem, inclusive, isentar os alunos de possíveis insucessos, como o exposto no último depoimento desta série:

A biblioteca na minha universidade brasileira é precária - quase não há mesas, o acervo de livros é pífio, não tem computadores, locais para estudo, a internet é tão lenta que é praticamente inexistente e o horário de funcionamento é muito limitado. Como na minha universidade estrangeira todos esses aspectos eram muito mais que satisfatórios eu usei muito a biblioteca para estudar, embora a melhor parte fosse a quantidade de artigos científicos disponíveis pela internet da universidade: uma infinidade de artigos para consulta, o que realmente estimula a busca por referências na hora de fazer trabalhos e faz diferença no aprendizado;

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS

Aparentemente, a primeira impressão é que parece haver distância entre intenção e gesto², entre os *slogans* bibliotecários brasileiros da disseminação da informação, do aprender a aprender, de tornar o usuário competente adquirir, analisar e utilizar as

Em um ambiente formal e silencioso, onde se encontra muitos estudantes trabalhando focados e sem conversar (aqui na maioria das vezes os alunos acham que a biblioteca foi feita para se estudar em conjunto e discutir em voz alta sobre o tema estudado) o estímulo para estudar é muito maior. [...] Desde que voltei, em agosto de 2015, como a biblioteca [...] é muito ruim, sem espaço e muito quente, busco frequentar a biblioteca da Universidade Veiga de Almeida, na Rua Ibituruna, que, apesar de não oferecer livros de Medicina, é ampla, com uma ótima climatização e seu campus conta com diversas cafeterias e lanchonetes para uma pausa mais agradável;

O acesso, a organização, o acervo... nunca tive experiência que se equiparasse aqui no Brasil ao que vivenciei na Austrália;

A biblioteca [era] bem silenciosa e possu[ía] ar-condicionado, o que imped[ia] a entrada de mosquitos. Os funcionários falam baixo e os estudantes também. Além disso, assim como na UNIRIO a biblioteca tem baias separadas para estudo o que é ótimo para alunos que perdem a atenção com facilidade. Por fim, a universidade tem serviço de impressão em que o aluno envia o documento para a fila (que é atrelada ao seu cartão) e pode imprimir seus documentos, dentre outros lugares, na biblioteca;

Ficou absurdamente mais fácil o acesso à informação. As bibliotecas est[avam] na universidade para atender todas as necessidades dos alunos. Não h[avia] desculpas em relação à obtenção de informações acadêmicas para projetos e trabalhos dados em aula!

fontes de informações, da capacitação crítica para a autonomia e da realidade vivida no país, considerando que essa amostra pode ser representativa em nível mais amplo: são alunos oriundos de uma universidade pública federal da região sudeste do país, a melhor estruturada.

Parece que os estagiários do programa conseguiram entrar no sonho da biblioteca

² Verso da composição de Chico Buarque e Ruy Guerra, intitulada "Fado tropical".

universal (bem representada na história e na literatura, respectivamente, por meio da Alexandria e de Babel, conto de Jorge L. Borges): acesso irrestrito dado pelas permissões amplas institucionais e assegurado pela boa qualidade da rede; “24 horas!”, afirmado por vários respondentes, com “milhões de livros (literalmente)”, que abarcavam todos os assuntos possíveis, em ambiente controlado e confortável quanto ao clima, ausência de ruídos, disposição de alimentos e bebidas, entre outros itens considerados notáveis na comparação.

Essa aparente grandiosidade oferecida pressupõe que todo o conhecimento disponível estava ao alcance das mãos dos alunos; alguns afirmaram que não haveria desculpas para a não entrega de trabalhos diante da oferta de bases de dados. No entanto, não é desconhecido que o acesso se faz, não apenas pelas óbvias e necessárias condições materiais, representadas por máquinas, assinaturas de bases de dados, recursos humanos preparados e suficientes para atender a demanda, mas, também, pelo aprendizado para lidar com as estratégias de buscas bibliográficas e linguagens adotadas para as comunicações científicas.

Deve ser considerado que boa parte dos graduandos não teve acesso às bibliotecas escolares, tornando mais contundente o problema da capacitação para os multiletramentos, incluindo o da informação, como o plágio pela dificuldade acumulada em saber pesquisar, conhecer o uso ético da informação, produzir os próprios textos apoiados nas aulas e nos estudos que realizou e se conduzir de forma mais autônoma no próprio processo de aprendizagem. As bibliotecas escolares praticamente não existiam, ou não existia a obrigatoriedade de haver um bibliotecário para atuar na biblioteca; afinal, a lei que rege essa relação é de 2010, ou seja, relativamente recente. (BRASIL, 2010).

A biblioteca universitária possui uma função socioeducativa, pois faz parte dos espaços educativos das universidades. Além da infraestrutura física e de outros recursos materiais e informacionais, o bibliotecário qualificado é o indispensável recurso humano para a sua eficácia. Este modelo ideal parece ter se concretizado nas experiências relatadas, e é quase uma antinomia o que se observa na contrastante percepção das bibliotecas brasileiras frequentadas pelos usuários, que conduz a uma pergunta que se desdobra em outras: onde falhamos?

Por certo que várias das condições estruturantes materiais são distintas para as universidades brasileiras das instituições hospedeiras, países do considerado primeiro mundo. Mesmo a nossa realidade nacional sofre intensas diversidades regionais, apesar do impacto que o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que tem como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior, produziu nas universidades federais. (BRASIL, 2007).

A competência em informação tem sido considerada uma habilidade requisitada durante toda a formação acadêmica, e a biblioteca universitária tem conduzido, no Brasil, a discussão sobre a sua implementação. Baseada nessa proposição, vêm sendo, crescentemente, produzidos trabalhos sobre a necessidade de capacitação dos usuários quanto ao seu letramento informacional e de reorientação, ou mesmo, ressignificação do perfil do bibliotecário. Tem se firmado como consenso, a importância da biblioteca universitária contribuir para estabelecer uma agenda acadêmica que fomente a *autonomia informacional* por parte dos usuários.

O Programa Ciência sem Fronteira representou uma oportunidade única, não apenas para os discentes participantes fomentarem as suas experiências pré-

profissionais, como também, das diversas instâncias universitárias, como as bibliotecas, analisarem as vivências e implementarem esforços no sentido de melhorar os nossos serviços. Nesse sentido, devemos reconhecer que existe a necessidade de se estabelecer uma malha rizomática de bibliotecas universitárias que se interliguem e interajam no

compromisso de fornecer acesso à informação e ao letramento informacional, e que possam suprir, unindo serviços complementares, ou, em princípio, diminuir as insuficiências apontadas. Ressignificar o fazer bibliotecário, adaptar novas metodologias, continuar a capacitar os usuários, mediar: questões do letramento informacional

SPEECHES ABOUT LIBRARIES IN THE PROGRAM SCIENCE WITHOUT BORDERS

Abstract

It aims to present the results of library use by graduate students of the Federal University of the State of Rio de Janeiro, in the period of 2012-2014, at the Science without Borders Program. We used an online questionnaire through the Google Drive Forms feature, and conducted an analysis of the statistical results. Despite the use of the resources offered by libraries have been rated as important by most participants, this experience is not recorded in the reports delivered at the end of stages for Brazilian institutions, which explains the importance of investigating what has been tried and that can serve grants to implement the actions of information literacy in Brazilian university libraries.

Keywords: Information literacy. University library. Science without Borders Program. Use Studies.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. O. de. *Bibliotecários universitários: da guarda de livros ao letramento informacional*. 2015. 199 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2015.

BACH, S. M. S.; ESTEVAO, J. S. B. Proposta de um modelo para formação de discentes em pesquisas científicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25, 2013. *Anais...* Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível

em:

<<http://portal.febab.org.br/anais/article/view/1552/1553>>. Acesso em: 25 ago. 2014.

BARRETO, R. G. *Discursos, tecnologias, educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

BRASIL. Decreto N. 6.096, de 24 de abril de 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Atos/2007/2007/Decreto/D6096.htm>. Acesso em: 02 jun. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Gerais do REUNI*, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/p>

- [df/diretrizesreuni.pdf](#)>. Acesso em: 02 jun. 2015.
- CAMPELLO, B. S. _____. *Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>>. Acesso em: 28 fev. 2015.
- COBO, C. De qué hablamos cuando nos referimos a “competencias para la innovación?” In: BERGMAM, J.; GRANÉ, M. (coord.). *La universidad en la nube*. Barcelona: LMI (Laboratori de Mitjans Interactius), Universitat de Barcelona, 2013. cap. 7. p. 145-171. Disponível em: <<http://www.lmi.ub.edu/transmedia21/vol6/pag4.html>>. Acesso em: 23 jul. 2014.
- GASQUE, K. C. D. Arcabouço conceitual do letramento informacional. *Ci. Inf.*, Brasília, DF, v. 39, n. 3, p. 83-92, set./dez., 2010. Disponível em:
- <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v39n3/v39n3a07.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2014.
- VIRKUS, S. *Information Literacy in Europe: ten years later*. Tallinn University, 2013. Disponível em: <http://ecil2013.ilconf.org/wp-content/uploads/2013/11/Virkus_ILinEurope.pdf>. Acesso em: 15 maio 2014.
- WILSON, C. *et al.* *Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores*. Brasília: Unesco, UFTM, 2013. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/c-ommunication-and-information/access-to-knowledge/media-and-information-literacy/>>. Acesso em: 31 out. 2014.
- ZATTAR, M. *O lugar da informação, do conhecimento e da aprendizagem no modelo de inovação aberta*. 2011. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://tede-dep.ibict.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=79>. Acesso em: 10 out. 2013.